

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 182

Director: ALEXANDRE VAZ

12 DE NOVEMBRO DE 1992

QUINZENÁRIO

SAI NAS SEGUNDAS E ÚLTIMAS QUINTAS-FEIRAS DO MÊS



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL

NO SALÃO NOBRE DOS PAÇOS DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO

João Luís Dias apresentou o seu novo livro «Sonho em Hora de Ponta»

Realizou-se, no passado dia 13 de Outubro, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Terras de Bouro («um novo espaço moderno e com uma arquitectura atractiva»), a apresentação do novo livro do jovem poeta João Luís Dias, nascido e residente em Moimenta, daquele progressivo concelho.

A sessão foi presidida pelo Presidente da Câmara local, Dr. José Araújo, que se considerou o anfitrião desta cerimónia, havendo exprimido à assembleia presente, e que era numerosa, ter sido para ele um privilégio grande, «pelo simbolismo da obra de um poeta da nossa terra e sentir ser seu orgulho falar em outros poetas bourenses, cujo passado, um tanto amargo neste capítulo

das letras, obrigou a alguns esforços nos últimos tempos, "porque fomos treinados sobretudo para resistir na adversidade, como o poeta presente, embora de uma outra geração", aproveitando para em seguida render homenagem à Mãe do João Luís, que, atravessando e vencendo obstáculos (o marido havia falecido ainda muito cedo) conseguiu dar a todos os seus filhos uma educação e instrução dignas de serem seguidas».

«O João Luís faz parte de uma geração que surgiu posterior à minha, a qual por circunstâncias várias conseguiu dar a volta num ambiente demasiado árduo.»

(Continua nas páginas 8 e 9)



Futuro do Convento de Bouro pode ser albergue ou pousada

— O que foi feito e poderá fazer-se

PÁGINA 4

EM PARANHOS (AMARES)

Explodiu uma fábrica de pirotecnia mas conseguiu-se evitar a tragédia

Não fora a presença de espírito, a explosão que se registou no passado dia 9 do corrente mês, em Paranhos, concelho de Amares, em que uma fábrica de pirotecnia foi para os ares, ter-se-la registado uma tragédia. Dois feridos e prejuízos avaliados em 20.000 contos é o balanço do triste acontecimento.

O proprietário da fábrica, Domingos Simões, de 52 anos, casado e pai de três filhos estudantes, com 25, 24 e 12 anos, respectivamente, trabalha na profissão desde o tempo de seu pai, em 1919, embora a legalização da unidade só viesse a verificar-se em 1929. Nunca houve problemas, aspecto que é corroborado pelos populares daquela zona. No entanto, naquela tarde de segunda-feira, a história da fábrica sem problemas interrompeu-se porque um estrondo que se ouviu a quilóme-

tros, registando-se sucessivas explosões. O «Café Maia», situado próximo da fábrica, foi atingido pelas explosões, ficando com os vidros partidos, situação que veio a constatar-se também em residências próximas, incluindo uma capela. E quando os Bombeiros Voluntários de Amares tentaram actuar numa dependência da fábrica, o sr. Domingos Simões dissuadiu-os disso, porque o perigo era muito grande. E assim foi mesmo porque, quase de seguida, se ouviu nova explosão. Imaginem se a sugestão do sr. Domingos não tivesse sido aceite.

Do acidente resultaram em duas pessoas apenas: Maria Celeste Freitas Gonçalves, de 50 anos, casada, e José Antunes Marques, de 47 anos, casado, ambos residentes no lugar da Igreja, em Paranhos.



Faleceu o Padre Lima Esteves por atropelamento no Canadá

PÁGINA 6

SUMÁRIO

O «Bebé
de Erlangen»
— reflexão ética

PÁGINA 2

Apontamentos
da minha Agenda

Crónicas Selvagens

PÁGINA 10

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR
Prof. Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO
José Filipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Santuário de Nossa Senhora da Abadia
Santa Maria de Bouro
4720 AMARES
Telefone (053) 37197

PROPRIETÁRIO
Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO
EDITORA CORREIO DO MINHO/SM
Palácio de Exposições e Desportos
Telefone 74087
4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00
NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL
3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.
Faça dos seus Amigos assinantes
de «A Voz da Abadia» — enviando-nos,
devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Benfeitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

*Nas páginas
deste Jornal
o seu nome
nunca fica mal...*

**Por isso anuncie
n'A VOZ DA ABADIA**

O «Bebé de Erlangen» — reflexão ética

Os diversos meios de Comunicação Social, nacionais e estrangeiros, têm noticiado abundantemente o caso de uma jovem auxiliar de enfermagem, Marion P., de 18 anos de idade, grávida de quatro meses, falecida tragicamente num acidente de viação e que se encontra sujeita a técnicas reanimativas, na Clínica Universitária de Erlangen, na Alemanha.

Este facto transformou-se num «caso» desenhado de forte polémica e a dividir as opiniões de médicos e teólogos, juristas e políticos. E não faltaram expressões bombásticas, de índole sensacionalista: falou-se de «mulher transformada em máquina de parir», «gravidez técnica de Erlangen», «cobaías humanas». A opinião pública alemã, de acordo com uma sondagem telefónica levada a cabo por um matutino, pronunciou-se pela esmagadora maioria de 82%, contra os esforços reanimativos a que está sujeita a jovem Marin P.

Estamos perante um facto até hoje verdadeiramente singular no âmbito da ciência médica, devido à idade do feto — apenas quatro meses. Um facto a revelar a importância crescente do claro e sereno diálogo entre medicina e ética, na realização do autenticamente humano. Diálogo que, colocando frente-a-frente medicina e ética, impede aquela de se confinar às fronteiras dum tecnicismo desumanizador e proíbe a ética de se transformar em catálogo de leis abstractas, uma ética «dedutiva», «more geometrico demonstrata». Impende de facto sobre a humanidade inteira, qual espada de Dámocles, o terrível pesadelo de se poder ir demasiadamente longe, identificando indevidamente o tecnicamente possível com o eticamente bom.

O «bebé de Erlangen» representa um duplo desafio: à ciência médica e à ética. E porque se trata de um desafio envolto na penumbra de muitos interrogativos, transforma-se para todos os implicados mais ou menos directamente, em tarefa constante de discernimento desapassionado e

atento. Estas linhas pretendem ser um modesto contributo para este discernimento.

1. O primeiro aspecto preliminar que urge ter presente é que não estamos perante um caso de distanásia que seria eticamente condenável. E a razão não se pode falar de manipulação da morte da jovem mãe, nem tão pouco de atentado à dignidade da mulher-mãe. É hoje questão pacífica, a nível ético, o manter ligado à máquina de reanimação, por tempo razoável, alguém já cerebralmente morto, se há em vista a recolha de algum órgão para transplante. E isto evidentemente para evitar a necrose do órgão a transplantar. Ora se isto é aceite no caso de transplante de órgãos, com muito maior razão quando se trata de manter vivo não apenas um órgão, mas uma vida que está em gestação.

2. O segundo aspecto preliminar, de suma importância, é descartar toda e qualquer intenção menos nobre, da parte do pessoal médico, que pudesse porventura esconder-se por detrás de todo o esforço reanimativo, como seria, por exemplo, o mero proveito curricular ou a vontade egoísta de fama e de reconhecimento público. Neste caso, estava-se a instrumentalizar o ser humano o que constitui grave ofensa à sua dignidade. Estava-se a reduzir a medicina a um tecnicismo desumano e desumanizador, esquecendo-se que toda a ciência médica é essencialmente antropológica, isto é, técnica ao serviço do homem e que, por isso, tem o homem e o humano como referencial último.

3. O núcleo central de toda a questão é o ser humano que se pretende que continue o processo de desenvolvimento. E aqui, a pergunta fundamental é esta: que qualidade de vida estamos nós a proporcionar com o recurso às técnicas reanimativas?

No estado actual dos conhecimentos científicos, ninguém tem resposta segura e convincente. E por isso mesmo, na avaliação ética de toda esta problemá-

tica, convém ter presente o seguinte:

3.1. Trata-se de um caso que, pela sua singularidade, exige ampla reflexão interdisciplinar, pois nele confluem indissociavelmente aspectos médicos, psicológicos, antropológicos, jurídicos e sociais.

3.2. A atitude médica de submeter a técnicas reanimativas a jovem-mãe parece-me justificável-se eticamente pelo alto valor que está em causa: a vida do filho. A opção tomada pela equipa médica da Clínica Universitária de Erlangen realiza a principal missão do médico: o serviço da vida.

3.3. É claro que, em todo este procedimento, está presente um certo horizonte de experimentação. Mas tal horizonte parece-me justificável-se eticamente pois implica uma relação bem definida com o bebé e está directamente implicado com o bem maior do mesmo. Estando salvaguardados os direitos humanos fundamentais, os riscos e interrogativos sempre inerentes a toda a experimentação são ultimamente elementos aliantes numa investigação que poderá revelar-se muito positiva para o melhor serviço da vida.

3.4. Parece-me incorrecto falar de «gravidez técnica de Erlangen», como alguém qualificou este caso, se com esta expressão se quer apontar para um império desmedido da técnica, a valer e a justificar-se só por si. No presente caso, a técnica está ao serviço do alto valor da vida e, por isso, numa perspectiva humano-cristã, os avanços técnico-científicos significam, por parte do homem, o cumprimento da tarefa que lhe foi confiada pelo Criador de «dar nome às coisas», isto é, de continuar a obra

inacabada da criação e de a referência à vocação mais fundamental e original de todo o homem: humanizar-se humanizando o mundo. E então, o homem do século XX louvará a Deus não apenas com a harpa e a cítara, mas com os raios Laser e as ondas electromagnéticas, com os psicofármacos e a máquina ventiladora.

3.5. É tarefa fundamental dos médicos acompanhar, com seriedade profissional, o desenvolvimento deste feto, através dos meios de que dispõe a medicina actual, pois não podemos esquecer que a pergunta nuclear a ter constantemente presente é a pergunta sobre a qualidade de vida que se está a proporcionar com o recurso às técnicas reanimativas. É que, se depois de sérios exames médicos se acertasse, por exemplo, graves lesões em órgãos vitais ou graves disfunções celulares ou sérios danos a nível cerebral, então poder-se-ia perguntar, num diálogo interdisciplinar, em sede, por exemplo, da Comissão de Ética da mencionada Clínica Universitária, se seria eticamente correcto continuar todos os esforços reanimativos. Por outras palavras, dever-se-ia perguntar se tal meio era realmente proporcionado à qualidade de vida previsível. Esta é de facto a questão central a exigir discernimento sereno e apaixonado. E se tal discernimento levasse à conclusão de que estava perante um meio desproporcionado à qualidade de vida em presença, então penso que se tornaria dever ético suspender as técnicas reanimativas.

José Rui da Costa Pinto, S.J.
(Docente da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica)

JORGE GONÇALVES SEGUROS

ESCRITÓRIOS:

EXPOSTO COMERCIAL - LOJA 8, R/C
FERREIROS — 4720 AMARES
TELEFONE 993275

PELO SANTUÁRIO



PROMESSAS

Cumpriram as suas promessas a Nossa Senhora da Abadia:

Esmeraldina de Assunção Lopes (Bouro)	3.000\$00
Glória Antunes (Lordelo, Bouro)	500\$00
Maria Rosa Fernandes (Canadá)	2.000\$00
Maria de Fátima Araújo Gomes (Restaurante Abadia)	20.000\$00
João Dias (Paradela)	5.000\$00

Festa de Nossa Senhora da Conceição

No dia 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, há às 11,30 horas missa cantada e sermão no Santuário.

É uma festa do culto da Igreja a Nossa Senhora que é celebrada há muito tempo em Portugal.

Vamos celebrar nesse dia a graça concedida à Mãe de Deus de ter sido isenta do pecado original e de ter sido desde o princípio da sua existência a «cheia de graça».

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Pagaram a assinatura de «A Voz da Abadia», o que muito agradecemos, os estimados Amigos deste Jornal:

Conceição da Mota Antunes, Bouro (92)	1.300\$00
Manuel Pinheiro, Rio Caldo (89)	1.500\$00
Ernesto da Silva, Proselo (91)	1.200\$00
João de Barros Alves, Vila Verde (90)	1.200\$00
José Maria Araújo Fernandes, Bouro (92)	1.200\$00
Manuel Ribeiro Fernandes, Rendufe (88 a 92)	5.000\$00
Deolinda de Jesus Gonçalves, Braga (93)	1.500\$00
António Severino de Sousa e Costa, Bouro (92)	1.500\$00
João Batista Antunes Pereira, Canadá (91 a 93)	3.600\$00
António de Jesus Dias, Canadá (92)	1.500\$00
Filoménio de Jesus Antunes, Bouro (92)	1.500\$00
João de Oliveira Freitas, Rendufe (92)	1.200\$00
Aquilino Antunes, Caldelas (91-92)	2.400\$00
Maria Rosa Fernandes, Canadá (91)	1.200\$00
Narciso de Jesus da Silva, Padim da Graça (92)	2.000\$00
Valentim Fernandes Duque, Seramil (92)	1.200\$00
Domingos Machado Fernandes Alves, Lisboa (92)	1.200\$00
Domingos Soares da Silva, Rio Mouro (92)	1.200\$00
Amaro Casimiro Alves Correia, Amadora (92)	1.200\$00
António Joaquim M. Pereira, Lisboa (92)	1.200\$00
Manuel António Artur Soares, Barcelos (92)	2.000\$00
Remígio Gonçalves, Caldelas (92)	1.200\$00

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECCÕES • PRONTO A VESTIR
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÉNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106

Telefone 993176

4720 AMARES



SERVIÇO RELIGIOSO

NO

SANTUÁRIO DE N.ª S.ª DA ABADIA



SANTA MISSA

• Dias úteis (Segunda a Sexta-Feira): * 7,30 horas

• Sábados (Missas Vespertinas):

* Inverno (Novembro a Março): * 17,30 horas

* Verão (Abril a Setembro): * 18,30 horas

• Domingos e Dias Santos:

* Inverno (Novembro a Março): * 11 horas

* Verão (Abril a Setembro): * 16 horas

* Inverno (Novembro a Março): * 9,30 horas

* Verão (Abril a Setembro): * 11,30 horas

* Verão (Abril a Setembro): * 17 horas

CONFEISSÕES

• Segunda a Sábado: * Das 7h. às 7.30h.
* Das 8h. às 8.30h.

• Segunda-Feira
Terça-Feira
Primeiras Sextas-Feiras * Toda a Manhã

• Sábados, Domingos e Dias Santos: * Antes da preparação das Missas e depois das Missas oficiais.



→ Nota: Às Quintas-Feiras, o Capelão não está.

→ O Numero de Telefone do Capelão é o 371197



Fernando
OCULISTA

ESTABELECIMENTO
COM
TÉCNICO QUALIFICADO
EM
ÓPTICA OCULAR

Rua do Souto, 23
(Junto à Casa das Louças)

Telefone 27703
4700 BRAGA



FÁBRICA
DE FATOS
CASACOS
CALÇAS

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

BOURO (S.^{ta} Maria)

Futuro do Convento de Bouro pode ser albergue ou pousada

— O que foi feito e poderá fazer-se

A futura instalação no Convento de Santa Maria de Bouro de uma unidade hoteleira, albergue ou pousada, é uma hipótese que continua à espera de um concessionário para a sua exploração.

Entretanto, e a propósito da recuperação daquele imóvel, José Meneses e Teles, chefe do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, emitiu recentemente um esclarecimento em que se aponta o que foi feito e o que poderá vir a fazer-se.

Pelo interesse do texto, não somente para a freguesia de Bouro, mas para toda a região, «A Voz da Abadia» apresenta os seus conteúdos principais.

Um processo com vicissitudes

Desde a data da doação, 28 de Agosto de 1986, pela Câmara Municipal de Amares ao então Instituto Português do Património Cultural (IPPC), hoje Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR), as obras de reconstrução do Convento de Santa Maria do Bouro têm sofrido vicissitudes várias.

Para satisfazer uma das condições da doação — início das obras em 1986 — o IPPC lançou uma empreitada de obras de beneficiação no valor de 999.494\$00, em 28 de Novembro de 1986.

1. Outras acções foram desenvolvidas ao longo destes anos:

1.1. Projecto de recuperação e remodelação do Convento de Santa Maria do Bouro.

Adjudicado ao Arq.^o Souto de Moura; Contrato

n.^o 27/PIDDAC/89, de 5-12-89; Valor global: 45.234.355\$00+IVA; Fases entregues: Programa-base e estudo prévio.

1.2. Projecto de recuperação da Igreja do Convento: Adjudicado ao Arq.^o Humberto Vieira; Contrato n.^o 61/PIDDAC/90, de 26-12-90; Valor global: 1.839.000\$00+IVA; Fases entregues: Totalidade.

1.3. Projecto de instalações eléctricas da Igreja: Adjudicado ao Eng.^o Sousa Guedes; Ajuste directo em 28-12-90; Valor: 233.116\$00+IVA; Fases entregues: Totalidade.

1.4. Obras de limpeza do Claustro do Convento: Adjudicado à Firma Eusébio & Filhos; Ajustes directos em 12-12-90; Valor global: 972.000\$00+IVA; Realizado: Totalidade.

1.5. Obras de conservação e recuperação na Igreja do Convento: Concurso público em 15-11-91; Proposta mais vantajosa: 28.219.000\$00+IVA; O contrato aguarda visto; As obras já se iniciaram.

1.6. Contrato de comodato para exploração dos terrenos da Quinta do Convento: Contrato celebrado com Carlos Soares. Enviado ao interessado para recolher assinatura, tendo já sido efectuada a limpeza dos mesmos terrenos.

O futuro do Convento

O esclarecimento do chefe do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura enuncia depois dados concretos quanto ao futuro do Convento.

«2. Projecto de remodelação e recuperação do Convento:

O programa proposto para este projecto consiste na instalação de uma unidade hoteleira, albergue ou pousada, possuindo ainda espaços para conferências e exposições. As fases de projecto entregues demonstram a viabilidade do programa proposto e a compatibilidade do imóvel para instalação deste tipo.

Como não é da competência do IPPAR a construção e exploração de unidades deste tipo sugere-se a abertura de um concurso público para encontrar um concessionário para a exploração da unidade hoteleira, segundo protocolo que superiormente venha a ser decidido.

Foi relativamente ao ponto 2 — Projecto de remodelação e recuperação do Convento — que em audiência, em Junho passado, o Secretário de



Estado da Cultura teve oportunidade de esclarecer o Presidente da Câmara de Amares de que o IPPAR recuperaria o Convento, mas que a sua utilização como unidade hoteleira não seria aceitável por parte do Instituto, por não ser essa a sua vocação.

Perante estes esclarecimentos e considerando existirem outras entidades privadas interessadas no financiamento do projecto de recuperação do Convento, desde que a Câmara liderasse todo o processo, o Presidente da Câmara lançou uma outra proposta, pedindo a retirada do IPPAR, ao que o Secretário de Estado da Cultura disse nada ter a opor.

O esclarecimento conclui dizendo que «o que se passou foi tão-só isto, pelo que foi com surpresa que se leram as posteriores declarações do Senhor Presidente da Câmara, veiculadas a diversos órgãos da comunicação social».

JUNTO DO PAI

No passado dia 25 de Outubro, faleceu, no hospital de Vila Verde, a sr.^a D. Judite de Sousa, de setenta e três anos de idade, residente que foi nesta freguesia de Bouro (Santa Maria).

À família enlutada «A Voz da Abadia» endereça sentidas condolências. — (C.)

CAIRES

Câmara Municipal vai construir reservatório de água

A Câmara Municipal de Amares vai construir um reservatório de água no lugar do Monte de Cima, da freguesia de Caires, uma localidade do concelho cuja população, há muito tempo, aspira pelo abastecimento de água ao domicílio, um desejo e uma necessidade altamente justos que esta Câmara quer satisfazer o mais amplamente possível.

Por isso, segundo fonte autárquica, foram adquiridos terrenos necessários no lugar do Monte de Cima, estando já concluído o projecto do depósito cuja empreitada vai, de imediato, ser posta a concurso.

Prevê-se, segundo a mesma fonte, que a rede de abastecimento de água, em Caires, depois de reforçada e alarga-

da, entre em pleno funcionamento, na Primavera do próximo ano.

A construção daquele depósito decorre depois de um período de captação de água de excelente qualidade, no Monte de S. Pedro, a qual em conjunto com outras nascentes, vai alimentar aquele reservatório, com a capacidade de 250 pipas, de onde partirá a conduta principal e as derivações necessárias para a instalação dos ramais domiciliários.

Trata-se, de acordo com a mesma fonte de informação, de mais uma iniciativa da Câmara Municipal de Amares ao encontro das populações por quem os actuais responsáveis camarários se sentem na obrigação de fazer mais e servir melhor. — (C.)

SANTA MARTA

Novo acesso para o Centro de Saúde

O Centro de Saúde existente em Santa Marta, enfrenta desde há muito, problemas de várias ordens.

Há uns meses, o Centro correu o risco de fechar os seus serviços aos doentes; no entanto, devido à acção dos Presidentes da Junta de St.^a Marta e da Confraria da Abadia e o apoio dos presidentes das Juntas de Bouro e Goães, ultrapassou-se a situação conseguindo até, do presidente da

A. R. S. de Braga — Administração Regional de Saúde — o compromisso sério de renovar o respectivo Centro.

Um dos grandes problemas do Centro é o seu acesso. O actual, perigoso devido à sua situação geográfica, não permite uma entrada cómoda ou segura para os serviços médicos nem a passagem das ambulâncias.

Para resolver este problema fez-se uma reunião com todos aque-

les que anteriormente tinham ajudado no futuro do Centro, são eles: Os presidentes das juntas de Goães, Bouro, Santa Marta e o presidente da confraria. Nesta, ficou estabelecido que a Confraria de Abadia cedia o terreno para a nova estrada e ajudava financeiramente, tal como a junta de Santa Marta que também ficou encarregada de tratar das licenças junto do serviço das estradas e de pedir a colaboração

da Câmara Municipal de Amares. Devido à escassez dos recursos, espera-se, dentro do possível, a ajuda financeira do povo de todas as freguesias servidas pelo Centro que são: Dornelas, Sampaio/Seramil, Vilela, Goães, Santa Marta, Bouro e Parada de Bouro, do concelho de Amares e Valdossende do concelho vizinho para assim poder melhorar os seus serviços tão indispensáveis.

Valeria Silva

AMARES

Romagem ao encontro do progresso — Uma grande urbanização

Caro leitor. Na última «Romagem» fomos a Lago ver as duas estradas entradas em funcionamento há dois meses. Vimos o Cemitério em ampliação, o prédio da Pré-Primária em acabamento e falamos do célebre abastecimento de água às habitações. Aguarda-se a todo o momento a Rotunda na Ponte do Bico que a J.A.E. prometeu mas demora a fazer. Lago está de saúde. Vamos hoje a outro lado. Venha connosco.

Estamos ao lado da Estação dos C.T.T. na Feira Nova. A metros do largo da Igreja. Na nossa frente está o Loteamento das Quintas do Paço e do Assento aprovado em Julho depois de correr a via-sacra da burocracia. É o maior estudo urbanístico jamais feito no nosso Concelho. É mesmo grande a nível do Distrito. Dará origem a um aglomerado urbano de tal monta que terá tanta população como a segunda freguesia do Concelho e uma estrutura para comércio que será maior que a actual Feira Nova. O custo dos solos e das estruturas urbanísticas

anda pelo meio milhão de contos e o preço das construções urbanas e seu apetrechamento rondará os três milhões de contos. São cerca de quinhentas unidades entre apartamentos e lojas, isto quanto à parte da iniciativa privada. É que o estudo urbanístico inclui terrenos oferecidos ao Município para Escolas Pré-primárias, para a Feira Semanal, para o Mercado, etc., além de que os promotores fazem ruas, praças, electrificação, águas ao domicílio, saneamento, telefone domiciliário, etc. e tudo oferecem ao Município sem que ele gaste um tostão. A área do Loteamento é de 72.000 m² e deste montante 44.000 m² são oferecidos à Câmara. É certo — e ainda bem — que uma obra destas não se povoa em 3 ou 4 anos, leva o seu tempo e é preciso que o leve.

O leitor deve ter lido um comentário de alguém que dizia que esta obra é demasiado grande e vai congestionar o abastecimento de águas, electricidade, saneamentos, etc. Nada disso. Os promotores são obri-

gados a fazer tudo isto de acordo com os pareceres dos técnicos, e entre engenheiros e arquitectos foram 7 a dar pareceres. Dentro de 4 meses tudo estará feito. Nós vamos deixar de ser um lindo concelho mas só com coisas pequenas e pindéricas. Nas «Romagens» que vamos fazer verá que estamos na iminência de ter coisas grandes, dignas de ser vistas. Este conjunto urbanístico é imponente para o Concelho, grande para o Distrito e aceitável em qualquer região progressiva do País.

Mas, leitor, continue connosco. Veja esta rua com 26m de largo, esta de 20m de largo, esta praça, aquela, mais aquela, e agora repare que chegou à Rua de Cintura.

É uma via muito larga, a ligar a Feira Nova e Amares pelo lado sul, a escoar o trânsito desde o Roma à Serração. Veja que ela liga aqui ao Loteamento das Quintas do Paço e do Assento, e com a futura Feira Semanal, faz um conjunto que impressiona. O trânsito que tanto aborrece

na Feira Nova e Amares vai ser descongestionado.

Rua Rua de Cintura que nasce na E.N. 205, atravessa a Rua Sá Carneiro, a Praceta Luís de Camões, passa roçando a urbanização das Quintas do Paço e Assento, de que vimos a falar, vai a Santa Luzia, mostra as Ruínas do Solar de Vasconcelos, algo de que é preciso falar com orgulho pátrio, e acaba na estrada da Ponte do Porto. Acaba, não, porque o terceiro troço da Rua de Cintura vai até à Serração. Rumores dizem que o presidente da Câmara anda a fazer contas...

Isto de obras por vezes é como as cerejas. Não se surpreenda o leitor se a urbanização do Paço e Assento vier a alargar-se para sul até à Rua de Cintura.

De qualquer forma, com mais mas, ou menos mas, o certo é que a «Romagem» de hoje lhe mostra algo de grande. Vamos ter a preocupação de o convencer que nós começamos a ter coisas grandes, que o Concelho tem muito de que se honrar.

J. M.

FERREIROS

Transferência

Foi transferida por concurso para a Escola Francisco Sanches, de Braga, a Sr.^a D. Lili, que durante seis anos chefiou os serviços da Escola Preparatória de Amares.

No dia 30 de Outubro, o Corpo Docente daquela Escola, funcionários e auxiliares de educação, prestaram-lhe significativa homenagem no jantar primorosamente servido no sr. Albino, em Figueiredo. Foram-lhe oferecidas algumas prendas que vão recordar o convívio fraterno daquele período de tempo ali passado. Usou da palavra o Presidente do Conselho Directivo, Dr. Virgílio Carvalho, para salientar os dotes de excelente relacionamento e colaboração, a competência profissional e uma maneira de estar que cativou de professores e alunos.

A D. Lili agradeceu, emocionada, até às lágrimas!...

A tónica de todas as palavras proferidas foram: a lealdade, a dedicação e o empenhamento total ao serviço da Escola.

Bem haja, D. Lili, a sua vida é um exemplo que muito nos orgulha.

Festa de todos os Santos e Finados

O nosso cemitério estava vestido de branco e na hora da visita uma multidão impressionante rezou pelos entes queridos que já partiram.

Casamento

Consociaram-se na Igreja Matriz de Ferreiros, Fernando da Silva Antunes e D. Celeste Maria Barbosa Rebelo. Desejamos-lhes as maiores felicidades.

Novos estabelecimentos

Apesar da recessão económica de que tanto se fala, constatamos que abrem em bom ritmo novos estabelecimentos comerciais. Bons espaços, acabamentos de qualidade e primorosa decoração.

O desenvolvimento urbano deve-se em grande parte aos emigrantes que regressaram definitivamente e agora investem na construção e comércio as suas economias. — (C.)

Atenção à E.D.P.

São muitas as queixas que por vezes tomam aspecto de protesto o facto da iluminação pública nas zonas da Igreja, Rua Marques Rego, Bário e Infantário, apagarem ainda de noite e acenderem quando já começou a escurecer.

Nestas zonas circula, quer de manhã, quer ao fim do dia, muita gente, e à noite, muitas crianças.

Fazemos mais uma vez este apelo para que seja remediada dentro do possível esta situação.

«A Voz da Abadia», 12/11/92

«SANIFEIRA — Comércio de Sanitários, Limitada»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE AMARES
N.º de matrícula 113
N.º de identificação de pessoa colectiva 501636188
N.º de inscrição 01
N.º e data da apresentação 09/921007

MARIA FERNANDA OLIVEIRA COSTA PIRES DA SILVA, Ajudante em exercício, CERTIFICADA que o teor do averbamento n.º 1 efectuado à inscrição n.º 1 da sociedade em epígrafe é o seguinte:

Inscrição n.º 1 — Ap. 09/921007 — Av. 1 — Cessou as funções de gerente, Carlos Manuel Gonçalves Pereira — POR RENÚNCIA.

Está conforme o original.

Contém 1 folha.

Conservatória do Registo Comercial de Amares, aos 4 dias do mês de Novembro de 1992.

A AJUDANTE EM EXERCÍCIO,
Maria Fernanda Oliveira Costa Pires da Silva

FIGUEIREDO

A terra tremeu

Aqui, relativamente bem perto de nós, a terra tremeu aos dezoito minutos do dia 26 de Outubro findo.

Valpaços, em Trás-os-Montes, foi a zona mais atingida, sem, no entanto, se registarem quaisquer danos pessoais e materiais.

Este abalo sísmico, cujo epicentro se localizou na Serra de Bornes, também se fez sentir por estas bandas, mas numa magnitude quase imperceptível. Aperceberam-se do facto os de sono leve e os ainda acordados.

Peditório para os Deficientes

Sob a divisa de «Os Deficientes também são

meus irmãos», um grupo de jovens e outros mais crescidos, percorreu a nossa freguesia no intuito de angariar fundos destinados a Instituições que zelam interesses e necessidades de Deficientes.

A quantia obtida rondou os cinquenta mil escudos.

Os nossos doentes

O Secretário da Junta de Freguesia, sr. Adelino José da Costa, foi internado na Clínica de Santa Tecla, em Braga, em estado considerado grave, mas já regressou ao domicílio.

— A esposa do nosso assinante sr. Manuel António do Vale Gomes, de Chãos, também se encontra, há uns tempos, bastante doente.

Fiéis Defuntos

A nossa comunidade paroquial, em 1 e 2 deste mês, deu especial relevância à festa de Todos-os-Santos e à homenagem prestada àqueles que, tendo deixado este mundo, aguardam, no túmulo, a ressurreição final.

Naqueles dias, estiveram connosco muitos que esta terra viu nascer e em cujo cemitério jazem os restos mortais de amigos e familiares seus. Vieram, nomeadamente, de freguesias circunvizinhas, de Braga, Porto, S. Mamede de Infesta, Macieira de Cambra e de outras paragens mais ou menos distantes.

(C.)

RIBEIRA

A Associação Cultural da Ribeira (ACRI), parece querer sair do marasmo em que se encontrava há largos meses. Neste momento decorre um torneio de futebol de salão com a participação das equipas da ACRI Ribeira, Souto, Carvalheira, Covide, Cavacadoiro e duma representação da fábrica de cerâmica. Não será demais lembrar aos atletas participantes que o desporto, qualquer que ele seja, é uma festa cuja função é o reforço da amizade entre os povos, no nosso caso entre vizinhos.

Para além desta realização, a nossa associação realizou outras actividades. O tradicional magusto no qual se contou com a presença e participação de todos os sócios e outras pessoas de bem.

A Associação é dos sócios, por isso mesmo se diz «associação», embora haja quem diga que ela pertence a «A», ou «B», mas quem conhece o meio sabe de onde e que fim essas vozes se fazem ouvir. Num passado recente em funcionamento um A.T.L. onde os meninos e meninas desta terra comiam, brincavam e se educavam e eram felizes tanto quanto sei. O projecto teria

continuidade se alguns adultos desta terra tivessem compreendido aquela frase de Jesus «...deixai vir a Mim as criancinhas»...

Quando entro naquele salão e vejo pelas paredes pendurados aqueles desenhos de tempo certamente felizes, sinto crescer dentro de mim uma raiva incontida e pergunto-me porque lhes tiraram tudo isto. Oh! Se no meu tempo de menino me tivessem dado tal coisa!...

Mas como a vida é feita de presente mais do que de passado e futuro, olhemos em frente e lutemos contra a escuridão e as trevas.

Formou-se também um grupo de teatro e decorrem, já os primeiros ensaios para a apresentação da peça «O Nascimento do Menino».

Esta peça será apresentada na quadra natalícia e pretende fazer reviver uma tradição antiga no domínio do teatro, existente nesta freguesia, aproveitando a experiência de algumas pessoas menos jovens e dando também prioridade à participação de jovens ligados a esta associação. Para a frente, ânimo e bom trabalho. A ACRI merece. — (C.)

VALDOSENDE

Parece que não é novidade para ninguém, sobretudo da terra que more por cá, que a EDP vai desfazer-se das casas que construiu no início da construção da barragem, aqui sediada. E parece que não é só das casas, mas também de terrenos.

Ora, como se sabe, foi com grande sacrifício e até com muitas lágrimas, que pessoas desta terra ficaram sem os seus terrenos, por vezes à força de chantagem, pois de modo algum queriam desfazer-se dos bens deixados pelos antepassados e que lhes faziam falta.

Por outro lado, os terrenos que a então HICA despropiou aos habitantes desta terra, eram e são quase os únicos que dão para a construção de habitações, sobretudo no lugar de Paradela, que é onde fica a barragem.

Claro que a EDP está no seu direito de vender as casas e terrenos que actualmente lhe pertencem. Só que, em nosso entender, não custava nada saber se há interessados na terra e que são descendentes dos antigos proprietários. Parece que, pelo menos, estão a ser consultadas as pessoas que sempre ou quase sempre as habitaram e ainda bem, pois foram pessoas que dado o tempo

que já aqui habitam se afeiçoaram não só às casas, como também à terra.

No entanto, parece-nos que as autarquias, muito especialmente a Câmara Municipal de Terras de Bouro deveriam vir junto da população (como é seu dever) e ver quais as necessidades da mesma no aspecto de construção ou de locais de construção que, como se sabe, não há muitos sobretudo no

lugar de Paradela. Houve até pessoas que já saíram da terra, por não encontrarem quem lhes arranjassem local para construção de uma casa.

Oxalá, que esta pequena achege, faça com que as pessoas locais sejam tidas em conta em todo este processo e que o mesmo não seja só segredo dos deuses, porque se assim acontecer dar-nos-emos por muito satisfeitos. — (C.)

Faleceu o Padre Lima Esteves por atropelamento no Canadá

O padre Luís Fernando Lima Esteves, natural de Terras de Bouro, morreu no Canadá, após ter sido vítima de atropelamento na cidade de Oakville.

Luís Fernando Lima Esteves nasceu a 24 de Julho de 1939 em Moimenta, Terras de Bouro e frequentou os seminários de Braga, vindo a ordenar-se sacerdote a 21 de Setembro de 1963.

Trabalhou em Braga como capelão do Colégio dos Orfãos e no Lar Beato Nuno, situado na Rua dos Capelistas, indo para a Rádio Renascença em 1965. Um ano depois, a 4 de Agosto de 1966, foi nomeado pároco de Chamoim e de Santa Isabel, no concelho de Terras de Bouro. Após cumprir estas mis-

sões com entusiasmo e dedicação, foi incumbido de prestar assistência aos portugueses da região canadiana de Ontário, onde veio a desenvolver, a partir de 1967, múltiplas acções junto dos seus compatriotas, nomeadamente na St. James Portuguese Congregation.

Presentemente estava empenhado na edificação de um grande santuário em honra de Nossa Senhora de Fátima, mantendo especial carinho pelo santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Aliás, na semana passada recebeu a visita do presidente da Confraria da Senhora da Abadia, José Pinto Cardoso que, na altura, se fazia acompanhar de dois benfeitores da Abadia.

Pensão
UNIVERSAL
ABERTA TODO O ANO
Restaurante
EM
TERMAS
DE CALDELAS
Telefones 36236 / 36286
4720 AMARES

Casa de Terras de Bouro em Lisboa já tem projecto de estatutos

A Comissão Instaladora da futura Casa do Concelho de Terras de Bouro acaba de elaborar o projecto de estatutos e procede já à indigitação dos membros para os corpos gerentes.

A iniciativa está a registar uma adesão surpreendente entre os naturais de Terras de Bouro, tudo indicando que o sonho dos nossos conterrâneos vai tornar-se uma realidade a curto prazo.

O Presidente da Câmara Municipal, dr. José Araújo, é um dos principais impulsionadores do

nosso regionalismo na capital, devendo presidir à reunião dos terra-bourenses.

De referir que o encontro está anunciado para o próximo dia 31 de Janeiro, pelas 15 horas, ater lugar na sede da Casa do Concelho de Ponte do Lima, sita na rua de Campolide, 316, junto a Sete Rios — Lisboa.

Antes do início do encontro propriamente dito terá lugar uma actuação do Rancho Folclórico da Casa do Concelho de Ponte de Lima, dedicada a todos os participantes. — (C.)



— CAIXILHARIA DE —
ALUMÍNIO E
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

RIBEIRO, L. da

EXPOSIÇÃO E SEDE: Praça do Condestável, 113 r/c — MAXIMINOS
☎ 616440/616441/616310 — Telex 32112 RIBEIR P — Fax 611228

ARMAZÉM: Rua Dr. Domingos Pereira, 145 Cave — Maximinos — Apartado 418 — 4703 BRAGA Codex

DESPORTO

Campeonato Distrital da II Divisão - Série C

RESULTADOS

Série C: Pica, 2 - Arões, 1; Terras do Bouro, 0 - Golães, 1; Briteiros, 4 - São Nicolau, 3; Outeiro, 1 - Gonça, 1; Guilhofrei, 2 - Fermilense, 2; Rendufinho, 0 - Mosteiro, 1; Garfe, 2 - Brito, 0; Figueiredo, 3 - Passos, 0; Fornelos, 1 - Vasco Gama, 3.

	J	V	E	D	F-C	P
Garfe	6	4	2	0	16-5	10
Vasco Gama	6	4	2	0	11-5	10
Terras de Bouro	6	4	1	1	17-7	9
Mosteiro	6	4	1	1	9-4	9
Golães	6	3	2	1	10-4	8
Fermilense	6	2	4	0	10-6	8
Gonça	6	3	1	2	12-12	7
Figueiredo	6	2	2	2	10-8	6
Guilhofrei	6	1	4	1	8-7	6
Arões	6	2	2	2	10-10	6
Briteiros	6	2	2	2	8-8	6
Brito	6	2	2	2	4-5	6
Rendufinho	6	2	2	2	7-10	6
Pica	6	2	1	3	6-11	5
Outeiro	6	0	3	3	1-7	3
Fornelos	6	0	1	5	7-17	1
São Nicolau	6	0	1	5	8-19	1
Passos	6	0	1	4	1-13	1

Campeonato Distrital da III Divisão - Série C

RESULTADOS

Série C: Travassós, 5 - Gerês, 1; Alvite, 1 - Est. Vermelhas, 1; Silvares, 2 - Cavez, 2; União Moreirense, 2 - Santo Estêvão, 2; Rössas, 3 - Estorãos, 0; Gandarela, 0 - Regadas, 0; Sobreposta, 2 - Capanense, 1; Ventosa, 4 - Armil, 3.

	J	V	E	D	F-C	P
Rössas	5	4	1	0	16-2	9
Alvite	5	3	2	0	8-3	8
Santo Estêvão	5	2	2	1	6-5	6
Gandarela	5	2	2	1	5-4	6
Capanense	5	3	1	1	9-3	7
Travassós	5	3	1	1	9-4	7
Sobreposta	5	3	1	1	5-3	7
Cavez	5	2	1	2	7-9	5
U. Moreirense	5	1	2	2	6-6	4
Ventosa	5	2	0	3	6-10	4
Estrelas Vermelhas	5	1	2	2	3-7	4
Silvares	5	1	1	3	7-6	3
Regadas	5	0	3	2	2-4	3
Armil	5	1	1	3	6-9	3
Gerês	5	1	0	4	3-16	2
Estorãos	5	0	2	3	4-11	2

Nacional da III Divisão - Série A

Resultados

Neves - Delães	2-1
Montalegre - Lanhese	0-1
Vila Pouca - Mãe d'Água	2-1
Taipas - Merelinense	0-1
Santa Maria - Joane	1-0
Ronfe - Marinhas	6-1
Pedras Salgadas - Amares	2-0
Bragança - Vieira	2-1
Limianos - Maria Fonte	2-0

Classificação

	J	V	E	D	F-C	P
Lanhese	8	5	2	1	12-4	12
Ronfe	8	4	3	1	14-3	11
Limianos	8	4	3	1	11-6	11
Marinhas	8	3	4	1	10-12	10
Neves	8	4	1	3	18-11	9
Vila Pouca	8	4	1	3	11-9	9
Pedras Salgadas	8	3	3	2	11-8	9
Santa Maria	8	3	3	2	11-8	9
Delães	8	3	3	2	9-10	9
Vieira	8	3	2	3	6-8	8
Merelinense	8	3	2	3	4-6	8
Maria Fonte	8	3	2	3	6-10	8
Amares	8	2	3	3	7-9	7
Joane	8	2	3	3	6-8	7
Bragança	8	1	3	4	6-10	5
Mãe d'Água	8	1	3	4	5-13	5
Taipas	8	0	4	4	3-8	4
Montalegre	8	1	1	6	3-10	3

Próxima Jornada (15 Novembro)

Neves - Montalegre, Lanhese - Vila Pouca, Mãe d'Água - Taipas, Merelinense - Santa Maria, Joane - Ronfe, Marinhas - Amares, Pedras Salgadas - Bragança, Vieira - Limianos e Delães - Maria Fonte

Campeonato Nacional da I Divisão

RESULTADOS

Paços Ferreira - Tirsense	1-0
Belenenses - Salgueiros	1-0
Estoril - Famalicão	2-2
Marítimo - Sp. Braga	1-0
Beira Mar - Sp. Espinho	2-1
Vitória Guimarães - Farense	2-0
Desp. Chaves - Sporting	0-2
F.C. Porto - Benfica	1-0
Gil Vicente - Boavista	0-2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
F.C. Porto	11	8	2	1	22-6	18
Belenenses	11	6	4	1	14-4	16
Sporting	11	4	5	2	12-7	13
Boavista	11	4	4	3	14-9	12
Benfica	10	5	2	3	11-7	12
Salgueiros	11	4	4	3	12-12	12
Marítimo	11	4	3	4	17-11	11
Beira Mar	11	4	3	4	8-11	11
Vitória Guimarães	11	5	1	5	11-15	11
Estoril	11	3	4	4	13-12	10
Paços Ferreira	10	4	2	4	14-14	10
Famalicão	11	3	4	4	11-16	10
Sp. Espinho	11	3	4	4	11-18	10
Farense	11	3	3	5	9-11	9
Tirsense	11	3	3	5	7-10	9
Gil Vicente	11	3	3	5	7-16	9
Sporting Braga	11	3	2	6	8-12	8
Desp. Chaves	11	1	3	7	7-17	5

PRÓXIMA JORNADA (15 NOVEMBRO)

Tirsense - Gil Vicente
Salgueiros - Paços Ferreira
Famalicão - Belenenses
Sporting Braga - Estoril
Sp. Espinho - Marítimo
Farense - Beira Mar
Sporting - Vitória Guimarães
Benfica - Desp. Chaves
Boavista - F.C. Porto

Assine e divulgue

«A VOZ DA ABADIA»

«A Voz da Abadia», 12/11/92

Piscicultura da Abadia, Limitada

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE AMARES
N.º de matrícula 166
N.º de identificação de pessoa colectiva 502481820
N.º de inscrição 6
N.º e data da apresentação 04/921001

MARIA FERNANDA OLIVEIRA COSTA PIRES DA SILVA, Ajudante em exercício, CERTIFICA que o teor do Averbamento n.º 1 efectuado à inscrição n.º 6 da sociedade em epígrafe é o seguinte:

Inscrição n.º 6 — Of. Ap. 04/921001 — Av. 1 — Cessou as funções de gerente, Manuel Isaías de Brito Dias — POR RENÚNCIA.

Está conforme o original.

Contém 1 toalha.

Conservatória do Registo Comercial de Amares, aos 26 dias do mês de Outubro de 1992.

A AJUDANTE EM EXERCÍCIO,
Maria Fernanda Oliveira Costa Pires da Silva

CARDOSO DA SAUDADE



— FATOS

— CALÇAS

— CASACOS

— BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

NO SALÃO NOBRE DOS PAÇOS DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO

João Luís Dias apresentou o seu novo livro «Sonho em Hora de Ponta»

(Continuação da 1.ª pág.)

«Sair do meio do café e do tabaco»

De seguida, interveio seu irmão Carlos para dizer que os dois livros do irmão desanuviaram um pouco o ambiente pouco salutar da permanência exaustiva dos cafés e interrogou-se como é que «em horas de ponta», de confusão (bichas de automóveis, as pressas do dia-a-dia) ainda é possível da vida fazer poemas, considerando este acto de «muita coragem».

O Dr. Viriato, um pouco em jeito de desculpa, disse «que um poeta deve ser apresentado por outro poeta». Afirmou, depois:

«Par fixar o extraordinário acto de escrever, difícil, transmitir o nosso pensamento e as nossas reflexões sobre o mundo quotidiano, é um acto penoso, quando devia ser um acto de alegria.»

Dando sequência ao seu raciocínio falou do acto da escrita simples em escrita poética, hoje um pouco longe da tradição geral, mas que foi prática frequente no povo.

«Oxalá esta "academia" literária sirva para estimular o acto da leitura, que está muito perdido», acrescentando que o livro do João pode muito bem funcionar como *leit-motiv* para o hábito da leitura.

«Já não é simples poesia — é já um tipo de composição também de vanguarda.»

«Li o livro não como poeta, mas como homem que está habituado a ler.»

«A "Mulher do Minho" fez-lhe lembrar Pedro Homem de Melo e "O Cais dos Teus Olhos", Manuel Alegre. As vivências, anseios e preocupação do João Luís, dum ambiente fechado, embora rural.»

Temas que preocupam os jovens

O seu livro é perpassado — acrescentou ainda o Dr. Viriato — das preocupações dos rapazes da idade do poeta referenciado.



A mesa que presidiu à cerimónia da apresentação do livro, vendo-se da esquerda para a direita: Carlos Pereira (autor do prefácio), Padre Fernando Bento (pároco de Moimenta), João Luís Dias (autor), Dr. José Araújo (Presidente da Câmara), Dr.ª Elisabete Dias (irmã do autor), Eng. Sérgio Oliveira (cunhado do autor — não se vê na foto) e Dr. Viriato Capela (apresentador do livro)



Vista parcial da Sala

Foi convidado a intervir — apanhado de surpresa — o Professor de primeiras letras do João.

E, virando-se para o presidente da Mesa, ironizou:

«Não é assim, senhor Presidente, que se paga ao professor.»

O Professor do João confessou que foi para ele, mais tarde, uma surpresa, vê-lo nas lides poéticas.

E, lembrando tempos idos, referiu:

«Terras de Bouro para mim calou-me muito. Foram vinte e cinco anos em que aqui estive e pela minha escola passaram gerações, que me deram momentos de alegria e outros de tristeza. Vi muitos alunos que poderiam ter ido longe e não lhes foi possível pelas condições sócio-económicas em que se encontravam mergulhados. E nessa lista também estava o João Luís, mas, à custa de muitos sacrifícios, a Mãe conseguiu levar a bom termo a educação de seus filhos. Cumpru mais que a obrigação de Mãe» e felicitou-a e partilhou da felicidade que ela devia sentir. «Prometo que hei-de ler o livro».

Um outro interveniente na sessão afirmou de que o ditado de que «os santos da casa não fazem milagres», estava ali, no João Luís, desmentido.

A irmã mais velha do poeta, instada, declarou:

«Fico contente por saber como é possível o meu irmão ter feito um livro tão lindo.»

O João Luís agradece

«É a primeira vez que em público faço uma "oratória" sobre uma passagem da minha vida marcada num texto dum livro.»

E explicou à assistência, atenta, e, por vezes, com risos, como

é que se tinha preparado para escrever este seu segundo livro.

«Fui para casa e quebrando o ritmo de outros dias — nas horas mais "amalucadas" sai-me poesia — e sentei-me, com um copo de uísque à minha frente, mas não tinha gelo à mão e resolvi ir buscá-lo a um vizinho. Cigarro. Esferográfica a rigor. Tudo preparado, mas o gelo gelou-me a inspiração. Então, olhei para o relógio de parede colocado pelo meu Pai e que tinha uma badalada forte.

«O relógio estava parado. Falar diante de um relógio parado? Tem a sua história.»

«Com o livro pronto chego a casa, e qual a minha admiração, oiço o relógio a trabalhar, relógio que há quinze anos jazia no silêncio.»

«Mas deu-me uma noção muito importante. Por vezes basta-nos *um bocadinho de corda* para nos abalançarmos a grandes tarefas. Eu não tenho meios. A Câmara ajuda.

O João Luís lê um poema

O Dr. Viriato sugere ao João que leia «Como podem cantar os anjos», dedicado ao povo de Timor e, no final da recitação, recebe uma grande ovação da plateia. E termina agradecendo ao senhor Dr. Assis Campos e demais pessoas.

Findas as referências, o senhor Presidente da Câmara, encerra a cerimónia da apresentação do livro, agradecendo a presença de tantas pessoas «no novo espaço» dos Paços do Concelho, esperando que outras iniciativas do género venham a surgir em Terras de Bouro, «para que a área da Cultura, que foi sempre muito árida, comece a ser valorizada.

A sessão finalizou com um Porto d'Honra, servido por amigos e amigas do homenageado poeta, aos participantes, e que pretextou um franco convívio.

De significar que na Mesa, além de outros, estiveram, o Dr. Viriato Capela, Professor de História da Universidade do Minho, a Irmã mais velha, também Professora de Física e Química, da mesma Universidade, o Eng. Sérgio de Oliveira, Director do Centro Informático do Minho, Padre Fernando, da paróquia de Moimenta (Vila), Carlos Pereira, Chefe de Divisão Administrativa e Financeira da Câmara Municipal de Terras de Bouro, e autor do Prefácio.

João Luís Dias concede entrevista a «A Voz da Abadia»

João Luís da Cunha Dias, nasceu em 63-02-03, na freguesia de Moimenta, onde normalmente reside e exerce as funções de Ajudante dos Registos e do Notariado de Terras de Bouro. Seu pai, já falecido, chamava-se João José Dias e a mãe, a senhora D. Maria Alice da Cunha, trabalhava como modista, na Vila.

O João publicou o seu primeiro livro em 1988 sob o título «ECOS DUM SILÊNCIO» (poesia/prosa).

Após o convívio na

sala de exposições, que, neste momento, se encontra recheada de valiosos documentos pessoais do ilustre Padre Martins Capela, minuciosamente recolhidos e etiquetados, o poeta concedeu ao nosso Jornal a seguinte entrevista.

«**A Voz da Abadia**» — Quando começou a sentir a vocação para a escrita?

João Luís — A partir do 9.º Ano, no Liceu Sá de Miranda.

«**V.A.**» — Antes da publicação destes seus

dois livros, colaborou em alguns jornais ou revistas?

J.L. — Depois da publicação do primeiro livro inseri colaboração vária em o «Correio do Minho» e, actualmente, colaboro com regularidade no programa «Serra de Estrelas» — RFM — Rádio Renascença», e também já colaborei em programas de «rádios locais».

«**V.A.**» — Qual a receptividade que tem sentido em relação aos seus trabalhos?

J.L. — Aquela que me chega às mãos é lisonjeadora, o que muito me anima para obras futuras.

«**V.A.**» — Além da sua actividade profissional, que outros cargos ou tarefas o ocupam?

J.L. — Comecei por ser Director do Grupo Desportivo de Terras de Bouro, elemento do Comando dos Bombeiros Voluntários e sou actualmente vice-presidente do Clube de Arte e Recreio (DEBURICIS), e faço parte do Conselho Consultivo e Conselho Pedagógico da Escola C + S Martins Capela — Terras de Bouro.

«**V.A.**» — Como tem sido a sua participação no programa da «R.N. — Serra de Estrelas»?

J.L. — Através do envio de vários trabalhos de índole literária e que depois são lidos ao microfone da Emisora Católica.

«**V.A.**» — Em princípio a que se resume a actividade da DEBURICIS?

J.L. — Actividade de âmbito recreativo e cultural, nomeadamente representações teatrais e de apoio ao sector da etnografia. O Grupo já levou a efeito várias

apresentações por altura das chamadas festas do ano, incluindo nestas as concelhias. Realizámos os «percurso fotográficos», recolhendo material do património campesino, como moinhos, espigueiros, alminhas, fontenários, etc.

«**V.A.**» — Qual pensa que vai ser o seu próximo futuro como poeta?

J.L. — Estou a elaborar a recolha e adaptação ficcional de contos populares e de episódios pitorescos da vida quotidiana das gentes de Terras de Bouro, quer como interveniente, quer como observador. Quero, através de «A Voz da Abadia», sublinhar o apoio da Câmara, representada na pessoa do seu Presidente e a presença sempre gratificante dos amigos actuais e dos que me incentivaram e cultivaram no passado, e que, nesta hora excede todas as minhas expectativas.

«**V.A.**» — Em sua opinião a interioridade também atinge o sector cultural neste concelho?

J.L. — Acho que não. Se houver motivação e coragem da parte das pessoas, com valor, que as há, e se souberem recorrer às instituições locais, é possível fazer obra de mérito neste campo tão rico e aliciente.

«**V.A.**» — Qual o seu tempo-tempo ou o seu tempo psicológico mais propício à veia poética?

J.L. — É o da paz de espírito e da tranquilidade psíquica, mas sem euforias, num estado de tal maneira que me relacione com o mundo à volta, mas sem me perturbar.

«**V.A.**» — O que pen-

sa deste seu último livro?

J.L. — É como que a continuidade duma rampa de lançamento que já se havia estabelecido com a publicação do «ECOS DUM SILÊNCIO».

«**V.A.**» — Qual a mensagem que está subjacente a este livro?

J.L. — Conseguir exteriorizar e repartir anseios, de uma forma melodiosa que só a poesia, como tal, é capaz, de certa forma, «tocar» mais fortemente as pessoas.

«**V.A.**» — A quem acha que se destina o seu estilo poético, de uma maneira especial?

J.L. — Independentemente das pessoas que me são mais queridas, inclusas as da família e amigos, acho que a minha poesia será bem acolhida pelos leitores que valorizam a amizade, o amor, a paz, a fraternidade e o bem-comum.

«**V.A.**» — No seu entender os temas dos seus livros poderiam ser usados, ainda que esporadicamente, nas escolas?

J.L. — Entendo que sim, porque qualquer trabalho do género poético é capaz, como

os meus temas, de fazer palpitar a sensibilidade das crianças e dos adolescentes e induzir os mesmos a fazerem as suas tentativas «na arte poética».

«**V.A.**» — Qual o poema da sua predileção desta colectânea?

J.L. — Gosto deles todos, porque os fiz com muito amor e carinho. Mas como não posso escapar à sua pergunta é a «SERENATA EM TOM MENOR», porque espelha um estado de espírito dum momento «menos bom», o qual, depois de transmitido ao papel, lido e reflectido me encanta e que, mais tarde, reconheci, apesar de ser um momento menos bom, deu como resultado um verdadeiro hino de poesia.

«**V.A.**» — Que mensagem gostaria de deixar aos leitores do nosso Jornal?

J.L. — Apesar de a própria vida hoje absorver a todos nunca se desprendam da leitura, quer ao nível literário, técnico ou profissional e mesmo à leitura de jornais como «A Voz da Abadia», que é um Jornal que se dedica e debruça sobre a nossa região de uma maneira muito especial.

Apreciações ao livro «Sonho em Hora de Ponta»

«Se «Ecos dum Silêncio» foi o primeiro fruto de um indesmentível talento poético, julgo não exagerar se concluir que, com essa publicação, o João Luís assumiu, perante os seus conterrâneos, responsabilidades que, de forma alguma, pode iludir».

«Agora surge «Sonho em Hora de Ponta» que para além de mostrar os excelentes dotes poéticos e literários do autor será: um «...apreciar a riqueza da nossa permanência e a razão do querer adiar o adeus que agora chegara. Um adeus que a saudade fará recordar, sempre que outro Verão acordei!...»

«Se mais não houvesse, os poemas «Serenata em Tom Menor» e «Como podem Cantar os Anjos», repassados de vivida esperança, justificariam, só por si, esta nova publicação. E que o João Luís continue a publicar» — José Araújo.

«Poesia pode ser a livre expressão de um sentir a realidade, mas também pode ser a libertação do imaginário. Um poema nunca está sujeito a modas ou épocas — é livre de barreiras temporais.

Poesia é liberdade.

O João Luís escreve sobre a sua forma de sentir, sobre os seus sonhos e sobre episódios fictícios sem quaisquer restrições. Escreve em liberdade. Faz poesia» — Sérgio Oliveira.

«O verdadeiro poeta dá sinais da sua existência onde quer que esteja. Prova-o «Sonho em Hora de Ponta». É gratificante ver e sentir que ainda há quem viva para o espírito e coloque acima dos problemas do dia-a-dia a necessidade de comunicar e transmitir os anseios da alma. Com a esperança de que o João Luís vai continuar...» — Assis Campos.

«A poesia de João Luís enaltece o pulsar da vida na grandiosidade das coisas simples. É toda ela «de» «para», a ritmo constante sem grandes quebras, sem grandes sobressaltos. Canta o amor com palavras vivas retratando ora um «idealismo sensorial», coseado de optimismo, ora o quotidiano vivido à mercê da sua sensibilidade poética, amadurecida no interior do Minho, onde a verdade é mais transparente; onde as vivências, porque mais profundas, mais perduram no tempo» — Maria Olinda S. Marques.

FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária
Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
Funerais e Translações para todo o País.
Coroas e Palmas em flores naturais.
Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

PADARIA UNIVERSAL

De António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

FABRICO E VENDA DE PÃO ESPECIAL AOS DOMINGOS PARA TORNAR O SEU ALMOÇO MAIS APETITOSO O PÃO É O MELHOR E MAIS BARATO DOS ALIMENTOS PREFIRA O DA PADARIA UNIVERSAL

TELEFONE 66125

SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

Apontamentos da minha Agenda

Por
Manuel Teixeira

Tal como já tinha anunciado, hoje vou tratar dos assuntos relacionados como o **Tratado de Maastricht**, mas embora com um simples resumo, vamos ver um pouco de história do aparecimento e da vida da C.E.E.

A C.E.E. tal como está aparecendo, já o Presidente da República Portuguesa no ano de 1951, dizia que o fim das velhas guerras económicas, políticas, religiosas, territoriais, etc., etc. só seria possível com uma associação de países e povos da Europa, visto que tem sido sempre no velho continente europeu que tudo tem acontecido e, em seguida, alastra através do mundo.

Falava-se nas Nações Unidas, o Tratado do Atlântico Norte, etc. Esse Presidente da República sabia tudo e já previa este futuro em que estamos envolvidos. Esse Presidente da República trabalhava 18 horas por dia e morreu pobre, não seria mal que alguém ainda lhe rezasse pela alma e também lhe colocasse algumas flores no seu túmulo. Mas afinal quem foi esse presidente, perguntar-me-á você? Foi Salazar. Além de Primeiro Ministro, assumiu a Presidência da República Portuguesa, entre a morte do General Óscar Carmona em Abril de 1951 até à eleição do General Craveiro Lopes em Junho do mesmo ano.

Este recado deve servir ao Dr. Mário Soares, que anda sempre por aí a distribuir flores. Folgo muito ver que qualquer dia se incline junto da sua campa para lhe oferecer algumas flores e pedir-lhe perdão por todo o mal que lhe fez e o mal que ainda continua «aí» nos seus lábios.

Esta Comunidade Económica Europeia de quem Salazar muito falava, é hoje uma associação de povos, bens e serviços, ideias e cultura e de dois regimes Sócio-Políticos, que antigamente até nem se podiam ver: Monárquicos e Republicanos, isto é, 6 países Monárquicos e 6 Republicanos.

No ano de 1950, após a derrocada da grande guerra mundial, as 6 nações que mais sofreram com ela, Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda e o Luxemburgo, criaram uma associação para a defesa dos seus bens e consumo, incluindo o Carvão e o Aço. Esta associação era designada por C.E.C.A. **Comunidade Europeia do Carvão e do Aço**. Seria isto uma

primeira experiência democrática de gestão económica para a defesa das suas próprias instituições.

Mais perto de nós, em 1958, pelo chamado Tratado de Roma estes 6 países entenderam-se para a criação da hoje chamada C.E.E. me parece, não valerá apenas mais explicações nem mais comentários.

Dada a importância desta comunidade económica europeia, em 1973, juntou-se a ela a Inglaterra, Irlanda, a Dinamarca e em 1980 a Grécia; em 1986 a Espanha e Portugal, formando assim o maior mercado do mundo com uns 345 milhões de consumidores. É esta a Europa dos 12.

Em 1985, a C.E.E. dos 10 resolveram confiar a sua presidência a uma figura de prestígio de origem francesa, Jacques Delors, que escolheu como data limite 1992 para rever o Tratado de Roma e a criação da U.E. União Europeia, para o mercado único, bens, serviços e cidadania: que foi nada mais e nada menos o **Tratado de Maastricht**.

Esta comunidade dos 12 decidiu em Julho de 1987, e de acordo com o Tratado do Acto Único Europeu T.A.U.E. o alargamento dos poderes do Parlamento Europeu, no domínio da política externa, nos sectores da energia, o ambiente, política social monetária, serviços de investigações, a tecnologia, etc. e em 1989 adoptou a Carta dos Direitos Sociais dos Trabalhadores. Em Dezembro deste mesmo ano, todos os Chefes de Estado e de Governos da C.E.E., decidiram dar início ao processo da União Económica Europeia e Monetária U.E.M. e 6 meses mais tarde deram igualmente luz verde às negociações relativas à União Política. As políticas económicas dos Estados-membros devem ser compatíveis entre si, principalmente no que toca às taxas de inflação, à fiscalidade e à restrição dos défices orçamentais. Esta primeira fase da U.E.M., iniciou-se em Julho de 1991, e o início da segunda parte, será para o próximo ano de 1994.

Esta C.E.E. tem funcionado tão bem e tão mal, que já há mais 9 países interessados em aderir a este mercado e clube privilegiado, que se tem desenvolvido ao longo de 40 anos.

A Comissão Executiva da C.E.E., constitui o seu governo fundamental, com o direito exclusivo de propor projectos de legislação e de todas as decisões comunitárias. Este executivo é composto

por 17 membros vindos cada um dos países membros. Os membros deste executivo são nomeados cada um pelos seus próprios países para mandatos de quatro anos. O Conselho de Ministros é a principal instituição com poderes legislativos e de decisão que, através do seu Comissário faz chegar ao executivo da C.E.E.

O Conselho da C.E.E. é composto pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos 12 membros e, os países através dos seus Primeiros Ministros assumem a presidência das reuniões do Conselho, rotativamente, por períodos de seis meses, que foi o caso de Portugal recentemente. As decisões do Conselho podem ser adoptadas por maioria simples, por maioria qualificada, ponderada ou por unanimidade.

O Parlamento Europeu, é o segundo órgão legislativo. A Comissão Executiva, apresenta projectos legislativos ao Parlamento, tal como o Conselho de Ministros. O Parlamento é constituído por 518 membros deputados eleitos por sufrágio directo pelos cidadãos dos seus países; por exemplo Portugal tem lá 24.

Tribunal de Justiça da C.E.E. é o equivalente ao Supremo Tribunal de Justiça. Este Tribunal, comunitário sobrepõem-se à legislação nacional dos Estados membros. Este Tribunal dispõe de 13 Juizes, um Juiz de cada Estado membro, mais um para obter um número ímpar.

Além destas 4 instituições, a C.E.E. dispõe de mais 3 órgãos muito importantes. Comité Económico e Social, com funções consultativas junto da Comissão executiva e do Conselho de Ministros, Tribunal de Contas, que efectua o controlo das despesas comunitárias, e o Banco Europeu de Investimento que é o organismo bancário da Comunidade.

A partir do dia 1 de Janeiro de 1993, inicia-se um grande passo para a Comunidade Europeia, entrará em vigor o mercado único que institui um amplo espaço sem fronteiras internas em que a circulação de bens, de serviços, pessoas e de capitais, se efectuará tão livremente como se não existissem fronteiras, ou se se tratasse de um só país e, assim chegamos à U.E. **UNIÃO EUROPEIA** de que nos fala o **TRATADO DE MAASTRICHT**.

(Continua na próxima edição)

Os carvoeiros...

Palavra simples, corredia e amantíssima, no enleio do sabor a resina e a essência de sobre e eucalipto, mas carregada dum negrume que nenhum consolo ou afago sublimou!

Viviam naquilo a que hoje chamaríamos um gueto — o lugar ermo das Galheiras.

E o remoque popular lá vinha:

*«Carvoeiros de Chacim,
Vós pensais que sois alguém,
Se não fosse Santo Amaro,
Não vos vinha cá ninguém!»*

Além da dura e mesquinha profissão passavam, não raro, por ladrões de pequenas ladroagens, que das grandes que por aqui se faziam poucos erguiam e apontavam o dedo. Feno para os burricos, lenha das pernadas que ninguém queria, um molho de ervagem, ufnas folhecas de couve...

Mas aos lavradores de então, somáticos, é que lhes parecia que o mundo fugia, davam por paus e pedras, por portelos e canastos e as culpas, quando não havia provas concretas, iam direitinhas para os moradores das Galheiras. Aqueles filhos de mil sacas de mãos...

«Retirem de lá o Manuel Chicarrano e, depois, venha o Diabo e escolha!»

Coitado do Chicarrano! Morreu com chagas pelo corpo todo, as pernas entapadas, a pedir esmola pelos caminhos.

O certo, certo, é que os burricos eram soltos pelas devesas e pelos baldios e andavam a cair de mortos.

Saíam os carvoeiros dos seus casebres térreos, e mal colmados, pela madrugada, para vencer a lumieira do sol, a caminho da serra e os de Cambeses, Toninha e Moscoso lá os viam passar com os jericos transpondo a vau os «corgos» e bufando pelas ravinas acima.

CRÓNICAS SELVAGENS (1)

Última da ninhada do Cabrés, a menina não passava dum tressorinha rechonchuda, cheia das festas do grupo dos carvoeiros.

— Alevai-a à frente pra dar sorte.

Meio de lado já se achegava o Lambanas, um mês antes comidinho até aos ossos.

— Deste um coice na morte, ladrão.

E ele nem chus nem bus.

Passavam os dias na serra a pão e água, mas esta, por vezes, tinham de ir descobri-la longe, nalgum arroio, ou sugá-la entre as bosteiras, nos charcos deixados pelas patas dos bois enormes e mansarrões.

Alcandorados ao pino de Gondiaes, os cabreiros e lenhadores enredavam-lhes a tarefa, já de si penosa, estorvando-os de arrancar torgos nos maninhos ou destruindo-lhes as covas (carvoeiras), quando estas em plena actividade carvoejavam do melhor carvão que as matas lhes propiciavam.

Tantas vezes sem conta foram estes gentílicos surpreendidos na montanha por grandes nevões ou fortes trovejadas que engrossavam os córregos, de tal modo que os carvoeiros tinham de pernoitar ao luar, de todo desagasalhados, ou correndo o risco de serem levados pelas enxurradas e perderem os seus burros carregados de carvão.

Regressavam a casa altas horas da noite, exaustos, quantas vezes despidos de todo o pouco que haviam laborado.

Nos seguintes dias víamo-los pelas portas dos ferreiros do Bairro Alto, de Varzeacova e de Cerva.

E, enquanto uma primavera sem confins abotoava em folhas de água e sol cumpriam eles o ritual

de subir e descer, descer e subir na estrada mal empedrada do seu irredentismo.

O sol extinguiu-se. Desfolhavam-se as últimas pétalas no firmamento que se dilacerava sob a pressão do terreiro dos carvoeiros e começava a floresta loira dos remoínhos sensuais e dos contarelos infundáveis.

Carvoeiros hoje não há. Mas estes, os de Chacim, estão ainda vivos na memória de quem os viu transpor a aventura da serra e a morrer chagados e podres de velhos.

Ninguém lhes ouviu os queixumes, ninguém enxugou as lágrimas às mulheres e aos filhos. Nos rostos queimados e incardidos, nas mãos encorilhadas o sol, a medo, purpurejava como uma bênção, o luaceiro brilhava como um escondido hino ao trabalho, mas o gelo envolvia, como num escárnio velho, todos os corpos entiritados pelo frio cortante e impiedoso.

O leitor que nunca saiu da quentura da cidade e não soube nunca da epopeia dos carvoeiros, e de tantos outros; que se abisma quando lê a História Trágico-Marítima ou ouve as lengas-lengas ou poemas muito lindos aos Descobrimientos, fique sabendo que, por estas terras, um outro pedaço de povo, mais minúsculo, mas não menos sofrido, escreveu a sua longa lenda a golpes de bravura, resignação, humilhação... e fome; daquela fominha quotidiana que seca a saliva e cola as peles do estômago. E até hoje nenhum comemorante de Lisboa, nenhum poeta do Chiado, jornalista ou escritor de pena fácil lhes cantou a heroicidade sem fim.

A sina da transumância dos carvoeiros de Chacim estava há muito marcada no calendário da pequena história regional e no ritmo dos tempos inglórios.

Porquê?

Só Deus sabe!